

o menino grapiúna

JORGE AMADO



Posfácio de Moacyr Scliar

Copyright © 2010 by Grapiúna — Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, MPM Propaganda S/A e MPM — Casabranca Propaganda Ltda. em
coedição com Record, Rio de Janeiro, 1981

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Elisa Cardoso/ Máquina Estúdio

Imagens © Thomaz Farkas (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril
Mascarenhas (chita); © (orelha). Todos os esforços foram feitos para
determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível.
Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Pesquisa iconográfica Bete Capinan

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki/ Todotipo editorial

Preparação Cecília Ramos

Revisão Ana Maria Barbosa e Carmen S. da Costa

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e
as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem
a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

O menino grapiúna / Jorge Amado : posfácio de Moacyr
Scliar. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1660-7

I. Memórias autobiográficas. 2. Amado, Jorge, 1912-2001
I. Scliar, Moacyr. II. Título.

10-03079

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Autobiografia romaneada : Literatura brasileira 869.93

Diagramação Estúdio O.L.M.

Papel Pólen Bold

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br



1

DE TANTO OUVIR MINHA MÃE CONTAR, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão.

Eu tinha dez meses de idade, engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação, sobre a mata virgem, inóspita e antiga. Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas.

A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos encontros de jagunços no sul do estado da Bahia; negociavam-

-se animais, armas e a vida humana. Em busca do El-Dorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão de obra, vinda do alto sertão das secas ou de Sergipe da pobreza e da falta de trabalho — os “alugados”, os bons de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços de tiro certo tinham regalias. As cruces demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais.

Meu pai cortava cana para a égua, sua montaria predileta. O jagunço, postado atrás de uma goiabeira, a repetição apoiada na forquilha de um galho (assim o enxergo na nítida lembrança), esperou o bom momento para descarregar a arma. O que teria salvo o condenado? Um movimento brusco dele ou da égua, talvez, pois o animal recebeu a bala mortal, enquanto nos ombros e nas costas do coronel João Amado de Faria vieram incrustar-se caroços de chumbo que ele jamais retirou, visíveis sob a pele até o fim da vida. Exibidos com certa relutância e alguma vaidade para ilustrar a repetida narrativa de minha mãe.

Ainda conseguiu o ferido levantar o filho e levá-lo até a cozinha onde dona Eulália preparava o jantar. Entregou-lhe o menino coberto com o sangue paterno. Sucedeu no distante ano de 1913. Eu nascera em agosto de 1912 naquela mesma roça de cacau, de nome Auricídia. Rapazola, meu pai abandonara a cidade sergipana

de Estância, civilizada e decadente, para a aventura do desbravamento do sul da Bahia, para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna — a uns poucos quilômetros de Ferradas, nos limites de Ilhéus e Itabuna, ergue-se hoje uma universidade com milhares de alunos. Mas, naquele então, minha mãe dormia com a repetição sob o travesseiro.